

## Mulheres Indígenas: saberes e fazeres na pandemia

Indigenous Women: knowledge and actions in the pandemic

Mariana Cunha Pereira<sup>1</sup> e Danielle da Silva Trindade<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Curso de História. Mestrados de Antropologia e PROFHISTÓRIA. E-mail: [mcunhap8@gmail.com](mailto:mcunhap8@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000.0002-1871-5595>

<sup>2</sup> Curso de Licenciatura Intercultural/INSIKIRAN/UFRR. E-mail: [daniufr@gmail.com](mailto:daniufr@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000.0002-8578-8583>

---

### ARTICLE INFO

Article history:

Received 2021-06-30

Accepted 2021-08-02

Available online 2021-08-02

**Palavras-chave:** Mulheres. Pandemia. Saberes e Fazeres.

**Keywords:** Women. Pandemic. Knowledge and Doing.

---

**RESUMO.** Este artigo pretende descrever o modo como ocorreram as atividades do Grupo de Trabalho – Mulheres Indígenas – saberes e fazeres na pandemia. O referido GT foi proposto e realizado durante a II Jornada de Gênero, ocorrido entre os dias 14 a 17 de abril, organizado pelo grupo de estudo Gênero – Cultura e Deslocamentos/UERR. A ideia é explicar que o GT se realizou em formato de roda de conversa aproveitando a participação dos inscritos como ouvintes. O grupo era majoritariamente de mulheres e obedeceu um recorte étnico de participação com mulheres indígenas e negras. A metodologia implementada por meio das narrativas das participantes a partir de três perguntas geradoras, conforme Freire (1986) colocadas para fomentar o debate sobre os fazeres e saberes das mulheres no seu cotidiano em tempos de pandemia. Participaram nove mulheres, incluindo as coordenadoras. Ao final consideramos que o espaço do GT construído nesse evento é uma conquista para a discussão de gênero se efetivar com a interseccionalidade da etnia. Que violência contra mulheres é, sem dúvida, um tema recorrente quando se discute relações saberes e fazeres do cotidiano, ainda mais em tempos de pandemia.

**ABSTRACT.** This article intends to describe how the activities of the Working Group – Indigenous Women – knowledge and actions in the pandemic. The aforementioned Working Group was proposed and carried out during the II Gender Journey, which took place from April 14th to 17th, organized by the study group Gender – Culture and Displacements/UERR. The idea is to explain that the Working Group was held in a conversation circle format, taking advantage of the participation of subscribers as listeners. The group was mostly women and followed an ethnic pattern of participation with indigenous and black women. The methodology was implemented through the participants' narratives based on three generating questions, according to Freire (1986) posed to foster the debate about the actions and knowledge of women in their daily lives in times of pandemic. Nine women participated, including the coordinators. In the end, we consider that the Working Group space built in this event is an

---

achievement for the discussion of gender to take place with the intersectionality of ethnicity. That violence against women is, without a doubt, a recurrent theme when discussing relationships between knowledge and everyday activities, especially in times of pandemic.

---

## 1. Introdução

Neste artigo queremos relatar como se deu a propositura do Grupo de Trabalho/GT - Mulheres Indígena: saberes e fazeres na pandemia organizado na II Jornada de Gênero: cultura e deslocamentos no ano de 2021, ocorrido de modo remoto sob a coordenação do Grupo de Pesquisa Gênero – Cultura e Deslocamento.

A ideia inicial nesse GT era conseguir a participação de mulheres indígenas, em especial alunas do curso Intercultural Indígena da UFRR, o INSIKIRAN, e outras indígenas que por ventura tivessem conhecimento desse evento por meio das redes sociais. E, assim se interessassem a vir participar apresentando comunicações correlatas ao tema. Entretanto, não apareceram propositura de comunicação, ao que tudo indica por estarmos em um ano atípico de participação e acesso dos alunos indígenas à universidade. Acreditamos que as condições de acesso à internet denunciadas da condição de vulnerabilidade de nossos alunos indígenas têm causado um esvaziamento e aumentado ainda mais as dificuldades de participação dos alunos indígenas no espaço universitário, e em especial dificulta significativamente a participação de mulheres indígenas.

Mesmo assim mantivemos a proposta, primeiro em respeito as pessoas que se inscreveram como ouvintes no GT. Segundo por que fizemos a leitura de que o GT tinha uma perspectiva de relato, de escuta de narrativas nas possíveis comunicações a serem apresentadas. Ou seja, mesmo que as comunicações obedecessem ao formato de resumo expandido e de uma propositura de escrita científica, devidamente embasada nas regras da escrita acadêmica o tom de relato de experiência prevalecia. Então, pensamos por que não escutarmos a nós mesmo? Daí por que rever o objetivo geral do GT e pensar, portanto, em mantê-lo em um formato de Roda de Conversa, dando voz ao nós, coordenadoras e mulheres que se inscreveram para participar como ouvintes:

Neste GT são bem-vindos os estudos em forma de comunicação e os relatos de experiência que tragam o fazer da vida cotidiana de mulheres indígenas em seus saberes e fazeres na reinvenção desse tempo pandêmico no Brasil”. [E, ainda] E, por fim, também, aceitamos as reflexões sobre as experiências vividas em forma de relatos etnográficos. (Proposta do GT II).

Diante disso, então, seguimos com a realização do GT em forma de roda de conversa. E, aqui descrevemos de que modo ocorreu, qual a composição étnica que apresentou, de quais saberes e fazeres tomamos conhecimento no universo das mulheres ali presentes. As escutamos e nos escutamos, talvez realizando aqui a “fusão de horizontes” tão cara ao pensamento de Gadamer (citado por Silva, 2006), para falar desse momento que surge na pesquisa e produção textual. E, desse modo, reavaliamos a escuta e a escrita nessa propositura de um espaço de fala de mulher com recorte étnico neste evento. A produção desse texto foi pensada para tornar o registro dessa experiência o testemunho de que é preciso discutir sobre o universo das mulheres indígenas e, também das mulheres negras. Nossas anotações somadas ao material empírico do evento produzido em forma de vídeo tornaram possível essa

---

escrita, e desse modo expressamos nossos agradecimentos a coordenação do evento.

## 2. Os Participantes do GT – apresentação na roda de conversa

Para realizar a discussão do GT se fez necessário as explicações aqui já narradas na introdução. E, como a ideia era trabalhar com as ouvintes propusemos uma rodada de apresentações uma vez que estávamos em 09 mulheres. Tínhamos a presença de um homem apenas, no papel de monitor, mas, esse se limitou a se apresentar e fazer o apoio técnico. A proposta lançada como dinâmica de interação foi aceita, pelas mulheres presentes e se constituía em que cada uma pegasse um objeto que estivesse ao seu alcance, naquele momento, e que de certo modo a representasse. Um objeto com o qual pudesse falar de si, do que a impulsionou a vir participar da jornada/GT e, por fim, concluir com seu nome.

Foi assim que iniciamos a “quebra de gelo” do primeiro encontro entre pessoas que provavelmente nunca se viram e que agora em tempos pandêmicos, veem-se forçadas a uma relação de trabalho acadêmico e convivência mediada pelo uso da tecnologia. Ou como modo de se comunicar, ou bem, como instrumento de trabalho. Trata-se de um processo que no campo da educação escolar tem nos impulsionado a aprender a se reunir, assistir e produzir aulas, estudar e trabalhar e acima de tudo interagir na mesma lógica de debate, discussões e participação a fim de que as atividades acadêmicas possam se concretizar.

Seguindo uma ordem espontânea iniciei a dinâmica afim de demonstrar como realizá-la na roda de conversa virtual. Meu objeto de apresentação foi uma bolsinha de tecido do artesanato, ela traz uma imagem de uma boneca representando a mulher cangaceira da região de minhas origens familiares, o Nordeste. Essa bolsinha serve como porta *pendrive*. Expliquei que o *pendrive* fala muito do que sou por trabalhar com a escrita e leitura em computador, em produzir aulas, textos, correções de TCC e etc, mas, a bolsinha com motivos da arte nordestina me remete a minha identidade e as origens de onde vivi a infância, adolescência e parte da juventude. E, assim procedemos uma a uma mostrando na câmera do computador para que cada uma pudesse ver o objeto, o marcador diacrítico com o qual poderíamos falar de nós ou de como nos vemos.

A segunda mulher a se arriscar foi Isabela, do Pará, ela nos apresentou dois objetos para falar de si. Primeiro um livro de uma escritora do Pará, cuja literatura fala da resistência e das coisas da cultura paraense. Depois mostrou o pincel para quadro branco que expressa sua identidade de professora e, nos falou a partir dessa sua experiência de docência. A próxima foi Danielle, uma das coordenadoras desse GT, apresenta-nos seu caderno, fala de sua trajetória de docente e da representação do caderno para a preparação das suas aulas. Assim, como a colega anterior Danielle também é do Pará e se fez professora desde lá, hoje atuando no curso de educação intercultural indígena na UFRR. Em seguida é Wanderlane Lima que nos fala, trata-se de uma mulher indígena e se apresentou como aluna da Professora Danielle no INSIKLAN. Naquele momento Wanderlane se encontrava na maternidade, estava dando entrada para ter seu neném, mas, fez questão de participar enquanto ainda não estava sendo atendida. Tivemos dificuldades de acesso até por que ela fazia sua narrativa por um celular. Porém, Wanderlane fez uma apresentação surpreendente que nos encheu de esperança e de resiliência com toda a descrição que fez de si. Ela inicia dizendo:

---

“Sou professora e formada em ciências biológicas, no momento faço pós em Educação Infantil e Pedagogia Social e Mestrado em Educação na UNATS, enquanto meu bebe não chega tou aqui estudando e participando. Como vocês pediram para apresentar algo trago comigo essa pulseira, que é a minha representação indígena, que foi meu marido que me deu, mas, também a caneta, por que estou sempre anotando algo”.

A apresentação de Wanderlane, também, enfatizou a trajetória de professora em construção e os vários lugares de fala do qual uma mulher indígena e atuante estabelece relações sociais com o Estado e a Sociedade Civil. Em seguida veio Francinete que ao falar de se traz um turbante como representativo de sua identidade de mulher negra. À sua fala veio na sequência, a apresentação de Natalia, que se anunciou antropóloga e traz o caderno de campo como representativo de sua identidade. Em seguida tivemos a apresentação de Hilária Silva que primeiro ressaltou sua identidade de indígena se apresentando em sua língua – macuxi, pela a qual nos saudou a todas e, depois traduziu para o português. Ela continua a sua fala dizendo da sua trajetória de professora desde os 15 anos de idade. E com isso apresenta o caderno como representativo de sua identidade e trabalho docente. A próxima a falar foi Regiane que é aluna do mestrado de Antropologia, formada em Ciências Sociais na UFRR. Ela traz o caderno, que ela chamou de diário de campo como representativo do trabalho do antropólogo. O Jonathas, o único homem presente que era nosso monitor, também teve seu direito a fala de apresentação. Ele, inclusive, avisa que já tinha perguntado a Regiane se podia falar pois, ambos faziam também o papel de monitor no evento. Mas, ele queria mostrar como símbolo de sua identidade o livro sobre educação e relações raciais, que o incentivou a temática das discussões raciais.

Realizado essa etapa a qual chamamos de Apresentação na Roda e demonstra nossa metodologia de trabalho, imaginando-nos em um círculo, no qual estávamos nos falando e podendo olhar uns aos outros, situação bastante comum nos encontros presenciais. Porém, no trabalho remoto só possível se cada uma ao falar tivesse a generosidade de abrir suas câmeras, posto que nossas imagens no modo de se apresentar complementaríamos muito de nossas falas. As dinâmicas de apresentação ou de integração de um grupo são reveladoras para entendermos o sujeito da fala, e como este se reconhece na comunidade local. É por isto que podemos a partir dessas falas interpretar os saberes e os fazeres das mulheres durante a pandemia, e inevitavelmente por esse recurso extrair alguns marcadores diacríticos com os quais discutimos identidade.

### **3. Fundamentação ou Revisão**

Nosso entendimento sobre identidade aqui exposto dialoga com o processo de identificação produzido e provocado pela apresentação na Roda de Conversa à luz do que nos explicam Kathryn Woodward (2000); Kimberle Crenshaw (1981) e Cardoso de Oliveira (1996; 2000). Dito de outro modo, a ideia é interpretar as narrativas das mulheres na roda de conversa e com isso dialogar com as autoras e o autor citado.

Iniciando a discussão por Woodward (2000), quando esta autora nos mostra que a história de guerra entre croatas e sérvios pode ser explicada pelo significado de identidade a partir de uma historieta narrada por um radialista e escritor, na qual ele traz a narrativa de um dos soldados, um sérvio que explica ser o cigarro fumado por ambos no *fronte* um marcador diacrítico das identidades servia e croatas. Com isto a

---

autora nos ensina que a identidade está relacionada a símbolos, “A identidade é marcada por meio de símbolos; por exemplo, pelos próprios cigarros que são fumados em cada lado. Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa.” (Woodward, 2000, p.9/10).

Seguindo para o pensamento de Kimberle Crenshaw (1981) quando esta autora explica que o reconhecimento de mulheres não-brancas em contextos de vulnerabilidade para políticas de identidades é, em si o reconhecimento sistêmico e social. Identidade no sentido que essa autora nos traz é relacional, mas, é também interseccional, visto que sua discussão visibiliza as várias faces constitutivas das identidades. Para a autora gênero, classe e raça se inter cruzam e mostram como o mundo é construído. Identidade na discussão que a autora nos traz deve servir para que se desmonte o discurso liberal no qual algumas das interpretações sobre identidade apontam apenas para os traços dos preconceitos e da dominação. No entanto, identidades ou políticas de identidades devem considerar mais do que isso para questionar tais ações, devem em verdade, entender e considerar as diferenças intragrupais.

Kimberle Crenshaw (1981) nos ensina a pensar em identidade a partir da crítica de que os movimentos feministas contemporâneos não deram conta de superar esse olhar liberal de enxergar vestígios de preconceito e dominação sobre gênero e classe com mulheres não-brancas. Para a autora as mulheres não-brancas acabam por ser marginalizadas nos movimentos antirracistas ou feministas. Ela diz: “Os discursos feministas e antirracistas contemporâneos não conseguiram considerar identidades interseccionais com as mulheres não-brancas.” (1981, p.2). Dito de outro modo, para esta autora, não se trata apenas de preconceito e dominação, há também a questão da diferença que precisa ser pautada no interior dos grupos raciais.

As autoras representam, portanto, duas discussões de identidade que nos ajudam a pensar sobre como ser mulher – mulher indígena e mulher negra – com os marcadores diacríticos que se interpõem na corporeidade e diante a uma negação da diferença no interior dos próprios movimentos de pautas identitárias, que não visibilizam situações de violência e estupros que surgem nas narrativas de gênero quando se cruzam classe e raça.

Recorramos a Cardoso de Oliveira para trazer o conceito de “marcadores diacríticos” utilizado por ele, como a característica que vai fazer emergir à diferença durante o contato interétnico. E, assim, discutir as dinâmicas de identidades quando esse autor nos ensina que identidade pessoal e identidade social são constitutivas de um mesmo processo, posto que elas são a forma como o indivíduo é visto por outros quanto ao seu modo de ser. A dinâmica das identidades abordadas por esse autor desde os estudos iniciais sobre povos indígenas, colonialismo, nacionalidades em situação étnica no interior de sociedades nacionais até relações identitárias em regiões de fronteira, nos ajudam também a buscar na categoria de análise identidade o suporte teórico desse autor e relembrar suas palavras: “O conteúdo de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações”. (1976, p. 11).

Vejamos como interpretar essas dinâmicas de identidade à luz das narrativas de mulheres indígenas e mulheres negras quando o assunto era saberes e fazeres em tempos de pandemia.

---

#### 4. Resultados e Discussão

A primeira pergunta geradora apresentada foi: Como está a situação de violência familiar durante a pandemia? Explicando melhor essa questão é para instigar o debate sobre violência contra as mulheres que nós sabemos que existe em toda à sociedade, mas, que agora durante a pandemia as reportagens por todo o Brasil, trouxeram-nos notícias de modo mais impactante as ocorrências. Violências que estão ocorrendo dentro de casa em todas as classes sociais, causada pela permanência de maior tempo dos homens em suas casas o que se denomina violência doméstica.

A primeira fala veio de Hilária, que se autoidentificou como liderança da Organização das Mulheres Indígenas /OMIR, ela inicia dizendo que “a violência contra as mulheres indígenas existe, independente de pandemia ou não”. E, assim, nos explicou das dificuldades e tensões que sofrem, ela e sua irmã, para levar a frente esse trabalho das discussões sobre combate a violência e direitos das mulheres. Ela nos traz o relato das dificuldades tanto pela distância entre as comunidades o que exige delas deslocamentos, quanto pela incompreensão dos homens de não querer entender o que é uma entidade política de mulheres. A essa fala sobre o desprezo e a não credibilidade dos homens com o trabalho político gera uma autoidentificação, que a faz sentir-se mais ainda forte no papel que assume na comunidade.

Carmem traz a informação sobre a primeira mulher indígena, tuxauá e professora que conheceu. Uma mulher que atua em um espaço de poder, na comunidade Juraci, ali no caminho de Amaraji, trata-se de uma comunidade pequena onde a Tuxauá pode ir em várias casas e ver como está a situação da violência, e vê como isso está, segundo Carmem a Tuxauá vai nas casas junto com um enfermeiro, conversar com as mulheres. Carmem concorda com Hilária de que muito antes da pandemia a violência já se fazia presente. Ela citou um artigo que leu no qual diz que os meses mais forte de violência contra mulher é durante os meses de dezembro e janeiro/ julho e agosto, daí concluiu serem os meses de férias, em que muitos homens se encontram em casa. E, entende que nessa pandemia os homens em casa isso ocorreu mais.

Na mesma linha, traz a discussão sobre o alcoolismo associando-o a violência que as mulheres sofrem na comunidade. Cita o exemplo de sua irmã, e ao final

Vanderlane, acredita que a violência tenha aumentado também e diz: “A violência na minha comunidade não existe. Em geral não acontece, é muito difícil. Falando da minha realidade, a comunidade “se coça” em Uiramutã.” (Vanderlane). Também associa as diferentes violências com o alcoolismo e as drogas. E, as agressões psicológicas por parte dos pais. Entende que muitos pais não estão saindo para trabalhar e os filhos para estudar, então, isso tá dando muita violência psicológica por causa desse contato mais direto e constante. Ela acha que com a pandemia aumentou bastante e fica a questão: “como trabalhar a violência? Com a pandemia não podemos ter contato com os pais e com as crianças, então como vamos resolver isso? Acho que só depois da pandemia?” Ela cita a Lei Maria da Penha e sugere que nós não nos omitimos, pois há direitos para as mulheres e esse é nosso dever também como professoras. Para ela: “A escola é um patrimônio da comunidade, e nós somos os agentes das transformações, então, quando há reunião a gente conversa com as pessoas, com as crianças também. Não há nenhuma ONG na comunidade, mas, recentemente nós recorreremos ao CRAS, fomos pedir a eles que fossem conversar na comunidade sobre isso, estamos vendo as parcerias”.

---

O que nos chamou a atenção na fala de Vanderlane, é a firmeza em afirmar que não há violência contra a mulher em sua comunidade. Mas, ao mesmo tempo o interesse e preocupação em buscar o CRAS, para uma ação social nesse sentido.

Quando da fala de Natalia, que é uma fala imbuída de uma formação no campo teórico da antropologia, sem dúvida há aqui um olhar de investigadora, uma perspectiva de interpretar o “outro”. Então, ela nos traz da sua experiência a partir de pesquisas com os homens indígenas mostrando-nos que percebe que aqueles que transitam pela cidade eles começam a ter acesso a informações, e começam a valorizar as mulheres. “No entanto, tem essa questão com as bebidas que os impulsionam nesses atos violentos. Já as mulheres não falam sobre isso, a gente tenta abrir os olhos delas, a gente tenta fazer um pano de fundo. O que a gente percebe nessas experiências aqui na cidade é que aumentou com a pandemia. Então, nossa ação é tentar orienta-las a buscar apoio junto a Casa da Mulher brasileira, isso eu falo a partir de outras experiências e pesquisas já realizadas”.

Ou seja, Natalia também traz no reconhecimento dos seus estudos e trabalho empírico um forte vínculo entre violência e alcoolismo entre os homens indígenas.

Quando pedi a palavra, eu Danielle, fiz uma fala a partir da idealização que se gestou no imaginário social brasileiro sobre a mulher. Entendo que minha condição de professora, de orientadora, tem me permitido uma certa aproximação de ouvir relatos e fazer observações sobre as trajetórias das mulheres indígenas. Iniciei por citar meu trabalho de TCC mostrando como a partir da literatura, um importante escritor brasileiro, José de Alencar, afirmou um modelo de mulher ideal no século XIX. Uma mulher super forte, heroína, mulher guerreira que deixa sua tribo e vai atrás do seu grande amor, enfim uma mulher que não era da época. E, hoje nós queremos uma mulher real. E trazendo isso para as realidades indígenas, o que vejo hoje, é que: “eu vejo nessas meninas, assumindo de fato e de direito esse papel. Tomando as rédeas dentro da comunidade, não só de suas famílias, mais de todos os ambientes, nas decisões dentro da escola, dos projetos de gado, nas decisões sanitárias e elas passam a ser as agentes de saúde que vai cuidar dos seus filhos e dos filhos das outras mulheres. Então elas passam de fato a assumir esse papel. E, sendo também, assessora dos tuxauas. Hoje, a grande questão é que as mulheres são escutadas dentro das comunidades pelas posições que conquistaram. Hoje temos dentro do INSIKIRAN, um número enorme de mulheres estudando, sendo preparadas, e isso é muito interessante essas trajetórias. E, eu não vejo isso nos rapazes, nos homens indígenas, é que em muitas situações eles não se prepararam para isso, e quando eu vejo eles questioná-las e dizem: “ah, tu só quer mandar”, “tu só quer dizer”, na verdade não é “mandar” ou “dizer” é que agora eles tem que discutir aquilo, de igual para igual com essas mulheres que antes só cuidavam de seus filhos, e que agora eles tem de discutir com elas. Mas, agora ela, é uma igual a eles, pois ela tá trazendo projetos. A gente viu agora nas discussões em sala, que a maior parte dos projetos foi trazido por elas foram gerenciados por mulheres, surgem com mulheres. Durante a pandemia não chegaram remédios, aquele Kit saúde que o Estado distribuiu, e não chegavam suficiente para todas as famílias, então, elas tinham que decidir pra quem dar, uma vez que toda a comunidade estava infectada. E, daí elas tiveram que recorrer a medicina tradicional, os saberes, conhecimentos ancestrais. Recorreram aquilo que tinha na comunidade. E, toda essa ação delas a frente acabou de certa forma intimidando o seu companheiro, o tuxaua ou seu colega de trabalho na comunidade e acaba gerando uma violência, por que eles não compreendem por que sua companheira está estudando e isso gera uma violência”.

Natalia pede a fala para comentar dessa questão dos homens não se sentirem confortáveis com essa nova situação. E, cita o exemplo de uma senhora indígena aqui

---

na cidade, uma mulher que tem muita força, e muita referência, lutou para criar uma associação sobre os trabalhos artesanais, mas, ela não assumia de frente para ser presidente, por exemplo, e daí perguntou a ela, por que ela não assumia pra ser presidente? E ela disse que era por que os homens não gostavam de ser comandados por mulheres, daí ela ficava no máximo como vice-presidente. Então, concluiu Natalia: “por mais que ela tivesse um papel de destaque tinha esse conflito de gênero”. E, assim, tem outros casos, por exemplo de um agora durante a pandemia, uma mulher que estava de secretária na associação e acabava por se destacar nas participações *on line*, em lives, mas o Tuxaua não gostava por que ela estava comando, até que ela desistiu de ajudar a comunidade. Regiane, pediu pra complementar que isso acontece muito, é que muitas vezes a mulher está lutando pra comunidade como um todo, e muitas vezes o homem não quer, é um conflito que a gente ver, não só em organização indígenas, mas em outras em que as mulheres são maioria, mais o homem não aceita que ela se destaque, isso é uma questão de gênero que vem muito.

Sobre a segunda questão geradora: como a mulher está lidando com a pandemia no cotidiano diante o enfrentamento na pandemia. A palavra foi franqueada a Francinete que narrou um caso ocorrido em uma comunidade indígena próximo a cidade onde morou: “eu vejo a situação da mulher indígena como uma situação muito delicada, mas, vejo um momento muito forte, quando um marido espancou sua mulher e a família se revoltou, os irmãos assassinaram o marido. Isso foi muito impactante lá, e depois disso foi muito raro qualquer tipo de violência lá, então, penso que isso é muito particular. Quanto a mim, isso não é uma realidade pois não sou casada e nem vejo isso na minha família. Mas, penso que pode acontecer com qualquer mulher”.

A outra questão geradora que discutimos é sobre os “Desafios e sugestões para promover a saúde e a organização da vida comunitária em tempos de pandemia”. Uma vez que a pergunta foi pensada por Danielle ela nos explica que estava pensando mais na saúde mental. Como essa pandemia e todos os arranjos familiares que foram necessários impactou sobre a saúde mental das mulheres? E diz: “ao discutir com minhas alunas durante a pandemia, de como fazer para realizar as coisas de casa e dar conta das atividades acadêmicas? Me peguei falando para elas de mim, dizendo pra elas como eu fazia em casa, me dando como exemplo eu as ajudava a tentar a elas se organizar, pois estávamos tendo um índice alto de desistência nos cursos. Engraçado, que eu quando falo, eu me sinto na condição de mulher indígena, de tanto trabalhar com vocês, peço até perdão por isso.” Mas, minha ideia é trazer para elas a discussão: “como vamos encontrar nos espaços em que estamos e organizar e continuar fazendo, com todos os desafios e ao lado dos nossos companheiros? Enfim, eu sempre falo não desistam, eu colocaria como sugestão que esse é um processo que nós vamos viver como mulher, é uma revolução que nós estamos vivendo dentro de nós mesmo. Eu quero ouvi-las, porque sei que muitas vezes vocês dizem que um professor não entende vocês, mais imagino que ainda é muito difícil quando uma mulher não nos entende”.

Vanderlane tomou a palavra e nos provocou risos dizendo que quanto a questão saúde mental ela está muito bem. E, nós não duvidamos, afinal ela estava numa maternidade e participando dessa roda de conversa *on line*. Ela diz que pensa que o acúmulo de trabalho se tornou muito frequente, “que durante a pandemia nós professoras indígenas tínhamos que fazer o trabalho e entregar no papel mesmo porque lá é mais difícil por internet. (nesse momento a internet interrompeu para a colega). Natalia diz que já não se sente tão bem de saúde como a colega que a antecedeu, mas, também faz considerações de que as decisões de quando se vive junto com alguém, sempre alguma divisãozinha do trabalho tem que se fazer para dar

---

certo. Na experiência dela percebia que tinha aluna com dificuldade de participar, filho chorando etc, mais mesmo assim, ela procurava dar apoio. Ela conclui que é difícil ser mulher e tentar estudar e tudo o mais, enfim, é muito difícil ser mulher antes e durante a pandemia. Quando a colega Vanderlane consegue retornar ela cita todo o quadro de doença que a pandemia atingiu sua família, que mesmo doente teve de fazer remédios tradicionais para cuidar de todos. E, uma vez tudo isso passando, ainda tem de voltar a estudar e cuidar de tudo. Tem de ter diálogo com o marido e os filhos, enfim, é questão de se reorganizar para não ter sérios danos mentais.

Também ocorreu de minha parte, Daniele, um depoimento de professora de mulheres indígenas no insikran. Muitas me comentavam na aula que não estavam conseguindo mais se concentrar, que não estavam entendendo nada, que liam e nada ficavam, elas tinham tido Covid, e esses depoimentos vieram depois da doença, daí eu liguei isso com algumas notícias nos jornais de que essa doença também atingia o cérebro das pessoas, a nossa capacidade de assimilação. Enfim,

Regiane também, quis compartilhar dessa experiência de mulheres que estão na academia e também da sala de aula pois ela está nesse momento no Estágio Docente. Quis falar sobre a experiência de sala de aula, “dos alunos até da pós mesmo, que os alunos não conseguem mais render como antes, e os prazos ficam cobrando, alguns professores cobrando como se fossem em tempos normais. Enfim, mulheres que estão tentando estudar e os filhos estão junto fazendo barulho, e as pressões existindo junto. Para as mulheres é muito mais difícil, muitas vezes os maridos, irmãos alguém em casa não compreende, pensam que a gente não está trabalhando, diz assim: “Você está estudando mesmo? Você não poderia fazer uma comida, limpar uma casa, etc. Enfim. Isso gera dias ruins e essa tristeza de que todos estão falando aqui”.

Quando a Carmem conseguiu participar também quis contribuir com a discussão da situação da mulher que está tentando estudar durante a pandemia e permanece em suas comunidades. Para ela ocorre um desfoque entre está participando e viver as coisas em casa ao mesmo tempo.

Ao percebermos que o tempo já não nos permitia prolongar em tantas exemplificações e discussões sobre a temática proposta. Fizemos um processo de arremate da finalização das falas, trazendo para reflexão do grupo uma síntese sobre as diferentes formas de violência que a mulher sofre, e nomeamos de acordo com a Lei Maria da Penha e os estudos sobre gênero. São elas: violência física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Explicando para as mulheres ali presentes os vários modos como a violência pode ocorrer e as estratégias que os homens utilizam para produzir tais violências, sejam eles: maridos, irmãos, pai, amantes e namorados ou ex-maridos, ex-amantes e ex-namorados. Trazendo um pouco para a roda de conversa a explicitação e exemplificação desses detalhes para entendermos a diferença do tipo de violência ali citada, entre cada exemplo descrito nas discussões daquela roda de conversa.

## **5. Considerações Finais**

O que poderíamos, então, ressaltar como saberes e fazeres exposto nessa roda de conversa *on line* a título de considerações finais? Talvez elencar que os saberes produzidos e adquiridos por mulheres nos movimentos sociais ou individuais estão colocando-as em situação de destaque, liderança e protagonismo. E, dialeticamente as tornando alvo de mais violência do que já era vivido. Evidenciar isso pode correr o risco de produzir uma má interpretação, mas, é bom que se diga para

---

produzir, isso sim, o debate sobre a importância política de mulheres, do seu tempo histórico, não as de José de Alencar, mas, mulheres de hoje, mulheres indígenas e mulheres negras que ao mesmo tempo em que vivenciam novas aprendizagens também redefinem seus fazeres, na divisão do trabalho em casa e na comunidade. Outro aspecto dessa mesma premissa conclusiva é a de que tem se gerado uma violência de todas as modalidades que precisa ser entendida e discutida junto na comunidade. É necessário que se perceba a origem da violência contra a mulher para não se conformar com explicações fora do contexto das relações de gênero, a fim de que cada grupo social entenda e busque resolver, considerando que a origem está nas relações de poder instituídas.

Ainda na tese acima levantada está o aspecto decisivo da importância que assume a construção de processos identitários marcados pela autonomia, protagonismo e insurgências de mulheres em relações sociais de gênero historicamente construídas com base no desrespeito ao ser - mulher.

Um outro aspecto a dizer nesse texto, que surge dessas falas e se impõe como uma tarefa a todas nós, é que todas assumamos a ação educativa de conscientização das mulheres na perspectiva freiriana. Realizar pesquisas sobre elas, trabalhar oficinas de conscientização, participar de congressos, desenvolver projetos e incentivar e ampará-las nos estudos.

Outra coisa, é pensar criticamente sobre nosso discurso. Citemos a exemplo a partir da análise de algumas falas aqui pautadas, quando se diz: “ele me ajuda na casa”, cabe a pergunta: Por que ele está ajudando? Por que não pensar que ele está dividindo o trabalho? Ou seja, devemos entender que isso é a divisão sexual do trabalho, pois a casa não é parte física de nenhuma mulher é o espaço de viver junto, isso é importante entender.

Também, se faz necessário concluir que esse espaço do GT/roda de conversa foi de muita valia para todas que estavam ali. Posto que diante essa situação de pandemia e isolamento, em que todos nos encontramos, essa roda de conversa *on line*, com todas as dificuldades de internet, veio como um momento de muita contribuição para partilhar sobre nossas queixas, dúvidas, saberes e fazeres durante a pandemia. Os temas surgidos – violência, divisão sexual do trabalho e saúde mental para além do empirismo apontam debates acadêmicos contemporâneos.

Ao final se pensou que este GT pode continuar em outras edições da jornada de Gênero e deslocamentos e vir a ser um espaço para mulheres indígenas e negras virem juntas a participar e debater sobre temas que lhes interessem.

## Referências

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. (1976), *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira.

\_\_\_\_\_, *O Trabalho do Antropólogo*. 2ª ed., Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESPE, 2000.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. “Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas” [1985] — Parte ¼ (Trad. Carol Correia), In: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/mapping-the-margins-intersectionality-identity-politics-and-violence-against-women-of-color-kimberle-crenshaw1.pdf> Acesso em 08 de abril de 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

---

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e Diferença – Uma discussão teórica e conceitual” (p.7 – 72). In: Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais. Vozes: Petrópolis; RJ, 2000.

SILVA, Maria Luísa Portocarrero F. da. “Fusão de Horizontes”. In: <https://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/fusao-de-horizontes> /Dicionário Literário. Dez 26, 2009 Acesso em 20/06/2021.